

As famílias como projectos de vida:

O desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade

Júlio Emílio Pereira de Sousa*

Resumo: A família terá de ser capaz de, alternadamente, se fechar em si mesma, para repor forças, e de se abrir a novas oportunidades exteriores, para enfrentar as mudanças imprevisíveis.

Será a utilização sábia dessa dinâmica, na vida conjugal e parental, que moldará o seu êxito e validará a sua função redentora nas situações de fracasso.

O estudo das cartas familiares em Portugal, mostra que há uma mudança estrutural no sistema familiar.

Esta nova conjuntura, exige uma actualização sistemática dos projectos de vida familiares e uma aposta em novas práticas, que promovam a construção de respostas resilientes através da interacção família – escola, em qualquer momento do ciclo vital.

Palavras-chave: Projectos de vida, ciclo vital, resiliência, conjugalidade, parentalidade, cartas (ou mapas) familiares e resiliência.

Abstract: The family will have to be capable of, alternately, closing in itself, restituting forces and opening itself to the new exterior chances, in order to face the unpredictable changes.

It will be the wise use of this dynamics in the marital and parental life which will mold its success and will validate its redemptive function in situations of failure. The study about familiar letters in Portugal shows us that there is a structural change in the familiar system. This new conjuncture demands a systematic update of the new familiar life projects and a bet on new practices, which promote the construction of resilient answers through the family – school interaction, at any moment of the vital cycle.

Key words: Life Projects, Vital Cycle, Resilience, Marital Status, Parenthood, Familiar Letters (or maps).

Introdução

A parentalidade diz respeito às funções executivas, designadamente a protecção, educação e integração na cultura familiar das gerações mais novas. Estas funções

* ESE de Paula Frassinetti.

podem estar a cargo não só dos pais biológicos, mas também de outros familiares ou até de pessoas que não sejam da família.

Em qualquer família, o modelo de parentalidade evidenciado resulta da reelaboração de modelos de parentalidade construídos nas famílias de origem. O seu desenvolvimento vai-se processando a partir do estágio de evolução familiar e dos contextos vivenciais da própria família.

O sub-sistema parental é normalmente constituído pelo mesmo número de adultos que o sub-sistema conjugal mas as suas funções são executivas e destinam-se a educar e a proteger as gerações mais novas. É a partir das interações pais-filhos que as crianças aprendem o sentido da autoridade, a forma de negociar e de lidar com o conflito no contexto de uma relação vertical. É ainda no contexto desta interação que se desenvolve o sentido de filiação e de pertença familiar.

42 A conjugalidade, por sua vez, refere-se à díade conjugal e que constitui um espaço de apoio ao desenvolvimento familiar. Este modelo de funcionamento de casal resulta do modelo de integração do modelo de conjugalidade construído na família de origem e sofre diversas alterações ao longo da evolução do sistema familiar.

No sub-sistema conjugal, composto por marido e mulher, a complementaridade e a adaptação recíproca são aspectos importantes do seu funcionamento. Uma das funções deste sub-sistema é o desenvolvimento de limites ou fronteiras que protejam o casal da intrusão de outros membros, de modo a proporcionar-lhe a satisfação das suas necessidades psicológicas, constituindo, assim, uma plataforma de suporte para o casal lidar com o stress intra e extra familiar. Também se torna vital para o crescimento dos filhos, servindo-lhes de modelo relacional para o estabelecimento de futuras relações de intimidade.

A resiliência constitui a capacidade dos indivíduos e das famílias que lhes permite fazer face, espontaneamente, às dificuldades com que se deparam. O conceito de resiliência liga vulnerabilidade e poder regenerativo dado que envolve a capacidade do sistema para minimizar o impacto disruptivo de uma situação *stressante*, através de tentativas feitas no sentido de influenciar as solicitações e desenvolver recursos para fazer-lhes frente.

As famílias e o ciclo vital

O ciclo vital consiste no conjunto de etapas que uma unidade familiar atravessa desde a sua constituição até ao seu desaparecimento, especificando as suas principais características, tarefas, dificuldades e potencialidades.

As famílias apresentam, no seu processo de desenvolvimento, especificidades e semelhanças que, sejam quais forem as suas potencialidades e dificuldades, se vão modificando ao longo de todo o processo de desenvolvimento e que vão definindo o seu perfil de interacção.

Os eventos familiares importantes, como as datas festivas em que se comemora algo de significativo para o casal e/ou para os filhos, podem permitir a vivência de experiências configuradoras e organizadoras da própria identidade familiar.

A capacidade de vencer as adversidades e de corrigir a atitude face à vida, recebe uma influência determinante ou pelo menos estruturante do trabalho realizado neste laboratório de relações em equipa que é imperioso que continue a ser a família, seja qual for a sua modalidade ou idade que tenha.

A posição intelectual que valorizamos neste âmbito consiste em propor uma nova atitude ética sobre os problemas emocionais e/ou de comportamento: cada problema ou cada perda afectiva, profissional e económica, em cada momento do seu ciclo vital e em cada contexto específico, deve corresponder a uma mentalidade renovada que encare esses desafios frustrantes como oportunidades reais de desenvolvimento psicológico. As afirmações do tipo – Será que um adulto que maltrata não terá em si uma criança maltratada – terão certamente de ser reapreciadas, pelas implicações que produzem no estilo de vida e nas responsabilidades perante situações. O valor desta interrogação está definitivamente em aproveitar a improbabilidade ou a imprevisibilidade de “fazer bem o bem” para provar que a resiliência existe e se pode desenvolver num processo formativo, lutando de forma cada vez mais explícita e assertiva contra a justificação psicológica do mal actual que cometemos pela vida de dificuldades e de problemas vividos por cada um de nós no passado.

A visão optimista que defendemos insere-se na proposta deliberada de riscar o mais possível do nosso projecto de vida (familiar) a justificação da falta de compromissos através de desculpabilizações psicologizadas.

A família tem hoje a sua oportunidade e para isso terá de se transcender através de projectos ousados pela extensão da sua aplicabilidade, pela profundidade relacional que envolvam e pela visão estratégica que possam proporcionar.

A construção do projecto familiar

A vida familiar é um projecto, que se deseja renovável a cada desafio da vida em comum. A construção de experiências comuns e a partilha competente das experiências de cada um dos seus membros, exige que se focalize a atenção para o processo comunicacional e

que se realce a dose ajustada de tensão entre o que a família já consegue ser e o que pretende efectivamente vir a ser, num futuro próximo ou longínquo, sem obviamente descurar a atenção selectiva às oportunidades resultantes, paradoxalmente, das próprias dificuldades, de reestabelecer novas prioridades de actuação e de decidir em tempo útil.

A formação da identidade familiar é constituída através de avanços e recuos nas respostas às dificuldades num processo de aprendizagem em comum onde se valorize a mobilização pessoal pelo uso eficaz da dose de frustração que, em vez de bloquear o desenvolvimento, seja capaz de potencializar novas formas de maturidade e de integração de saberes e de afectos.

A (auto) ajuda pode ser, assim, concretizada em muitos contextos da realidade familiar. Consideramos fundamental que os saberes familiares acumulados, constituam referenciais estruturantes de pesquisas e formações sobre a família e também com a família como participante activa.

44

São, por exemplo, essenciais os estudos das dinâmicas, dos problemas e das competências familiares com os filhos nos vários grupos etários, das famílias monoparentais, das famílias com pessoas doentes, das famílias numerosas, das famílias sem filhos e das famílias com um filho (família mais comum em Portugal).

As interações específicas na conjugabilidade e na parentalidade de cada tipo familiar, permitirão diferenciar de forma mais efectiva o que as famílias têm todas em comum, o que as torna semelhantes só com algumas e também aquilo que é único em cada uma delas.

Neste processo de construção e de descoberta da identidade familiar, merece destaque a necessidade de compreender, identificar e intervir nas fragilidades e riquezas da família a partir do P.I. (Paciente Identificado) que nos sinaliza de forma individual as problemáticas que será necessário trabalhar em cada sub-sistema familiar.

Aprender a falar bem sobre o que de mal ou bem acontece a cada um, mas que se vê apenas no P.I., é a matéria-prima para a construção do projecto de cada família.

As competências, o sofrimento e a resiliência familiar

O medo de viver a realidade familiar, conduz frequentemente ao bloqueio, transitório ou persistente, das relações internas da família ou do seu contacto com a vida exterior.

Na relação conjugal, o tempo de atenção e de partilha é, muitas vezes, substituído por outro tipo de afazeres ou de solicitações. Há, inclusive, formas subtis de valorizar

outros papéis e funções, a pretexto da sobreocupação e da relevância prioritária que lhes são atribuídas.

Os momentos efectivos de interacção com os filhos são também, muitas vezes, preteridos por outros trabalhos apelidados de serem, curiosamente, considerados essenciais para o bem-estar da família.

Por sua vez, também a conjugalidade e a parentalidade se podem chocar e prejudicar mutuamente. As fronteiras entre os papéis de cônjuges e de pais são frequentemente ténues ou confusas e desencadeiam ciclicamente momentos de mal-estar, conflitos e sofrimentos culpabilizantes.

Que sentido tem este estilo de vida familiar que desencadeia níveis crescentes de ansiedade, de angústia e de sofrimento? Como lidar explicitamente com a culpabilidade sentida por não ter o tempo suficiente, de disponibilidade e de partilha, para provar que as pessoas da família são efectivamente especiais?

As boas práticas, com muitos e variados “atalhos legítimos”, conduzem-nos a uma mudança de atitude face ao que é essencial e que tem genuinamente valor em si mesmo nesta problemática.

Propomos que, essa busca de congruência entre o que realmente fazemos e o que deveríamos ter feito, nos mobilize para uma atitude geradora de comportamentos resilientes: tratar de forma especial, com a atenção de verdadeiros profissionais das relações, as pessoas e as situações que são ou devem ser especiais.

Tudo isto pressupõe um esforço continuado de aproximação dos discursos eloquentes e das boas práticas, condizentes com a necessidade premente de aperfeiçoar a qualidade da escuta, do acolhimento e da dedicação ao pormenor relacional, que seja capaz de distinguir e referenciar cada demonstração genuína de afecto.

O efeito será certamente níveis de (auto) protecção e de suporte emocional mais conseguidos, fundamentalmente nos momentos em que as situações difíceis de serem assumidas ou suportadas nos desafiam a sermos profundamente criativos.

A família resiliente com filhos na escola

A família com filhos na escola pressupõe uma gestão diferente da vida familiar. Os comportamentos dos filhos são, muitas vezes, inadequados e resultam de problemas de adaptabilidade da criança à escola e desencadeiam necessidades de formação educacional dos pais. Haverá, deste modo, factores de risco que aumentam a possibilidade de um dos membros da família desenvolver um problema emocional ou comportamental.

Esta situação é, sobretudo, importante nos períodos de transição entre os níveis de ensino e de mudanças de grupos ou de estabelecimentos.¹

Torna-se particularmente importante construir redes de apoio educativo para os pais, no sentido de se aceitarem a si mesmos e de compreenderem a importância que têm na construção dos projectos de vida das crianças. É também de realçar o valor do seu envolvimento e participação nas actividades escolares.²

Neste sentido, deverá ser potencializada a função disciplinadora e desafiadora dos pais como co-orientadores na educação dos filhos, designadamente no processo de desenvolvimento da sua inteligência emocional, para que saibam gerir com criatividade os momentos impossíveis de serem vividos segundo os padrões de adaptação comuns.

Torna-se, portanto, necessário construir programas de formação que preparem os professores para serem eles próprios formadores ou mediadores dessa formação nos pais.³

As cartas (ou mapas) familiares constituem a representação gráfica da estrutura e funcionamento familiares actuais que permite uma *gestalt* das fronteiras entre indivíduos, sub-sistemas e gerações, da gestão do poder e do alinhamento relacional do sistema familiar (alianças, coligações e triangulações).

O estudo concreto dessas cartas ou mapas familiares constituem, no contexto deste estudo reflexivo, instrumentos muito úteis para compreender o funcionamento e os (des) equilíbrios do sistema familiar e permitem identificar e desenvolver novos padrões de relação e de mediação família – escola.

Conclusão

A construção de competências comunicacionais e emocionais na dinâmica familiar, nas várias etapas do seu ciclo vital, é um imperativo educativo e constitui uma referência mobilizadora de comportamentos resilientes, capazes de enfatizar a atitude optimista e (auto) transcendente face à vida futura.

O desenvolvimento do projecto de vida de cada família, único e irrepetível, é a missão estruturante que encontra ou reforça o sentido da vida em cada evento ou expe-

¹ VIEIRA, R., (1992). Entre a escola e o lar – o currículo e os saberes da infância, Lisboa, Esher.

² ALMEIDA, T., (1994). Estratégias de socialização das famílias: classes sociais e grupos étnicos, Lisboa, ISCTE, 1994.

³ SOUSA, J., (2000). Dinâmica familiar e adaptação da criança à pré – escola, Recife, Lumen, vol.8 – número 1.

riência significativa, dolorosa ou gratificante, que os desempenhos paternos e conjugais proporcionam.

A complexidade, a imprevisibilidade e a dificuldade de saber viver as relações familiares parentais e conjugais, nas diferentes crises que necessariamente se deparam à família, exigem a intervenção em rede de suportes emocionais e de saberes pluridimensionais, em que a realidade escolar será co-autora do êxito possível e sempre desejado neste processo de complementaridades. Esses factores de protecção referem-se a atributos individuais ou ambientais que servem de amortecedores entre o sujeito e a situação *stressante*. São exemplos de factores familiares protectores: o afecto, o suporte emocional, a existência de limites claros, a coesão, a flexibilidade, a comunicação aberta, a competência de resolução de problemas e o sistema de crenças positivas.

A família e a escola têm, assim, um projecto comum a cumprir, embora com papéis e funções diferenciadas. Sem a concretização desse projecto não haverá provavelmente nem vida familiar nem vida escolar de qualidade e a crescente eficácia desse projecto dependerá da forma como enfrentamos e encaramos as dificuldades como oportunidades especiais de desenvolvimento.

Referências bibliográficas

- ALARCÃO, M. (2000). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra, Quarteto.
- ALMEIDA, T., (1994). *Estratégias de socialização das famílias: classes sociais e grupos étnicos*. Lisboa, ISCTE.
- ALMEIDA E COSTA, J. M. (1994). A realidade construída. In J. Gameiro. *Quem sai aos seus...* Porto. Edições Afrontamento.
- ASEN, K.; TOMSON, P. (1997). *Intervención familiar, guía práctica para los profesionales de la salud*. Barcelona, Paidós.
- AUSLOOS, G. (1996). *A competência das famílias, tempo, caos, processo*. Lisboa, CLIMEPSI Editores.
- BÉNOIT, J. C. (1997). *Tratamento das perturbações familiares*. Lisboa, CLIMEPSI Editores. Edição original, 1995.
- BOSCOLO, L.; BERTRANDO, P. (1996). *Los tiempos del tiempo, una nueva perspectiva para la consulta y la terapia sistémicas*. Barcelona, Paidós. Edição original, 1993.
- CANCRINI, L.; GREGORIO, F.; NOCERINO, S. (1997). Las familias multiproblemáticas. In M. Coletti, J. L. Linares (comp.). *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia multiproblemática, la experiencia de Ciutat Vella*. Barcelona, Paidós.
- CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2 ed., Porto Alegre, Artes Médicas. Edição original, 1989.
- COLAPINTO, J. (1995). Dilution of family process in social services: implications for treatment of neglected families. *Family Process*, 34, 1, Printed from The Family Process CD-ROM.
- SOUSA, J., (2000). *Dinâmica familiar e adaptação da criança à pré – escola*, Recife, Luman, vol.8 – número 1.
- VIEIRA, R., (1992). *Entre a escola e o lar – o currículo e os saberes da infância*, Lisboa, Esher.